

# A IMPLEMENTAÇÃO DE VOCÊ NO QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Carolina Morito MACHADO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo analisa a implementação de “você” no quadro pronominal do Português brasileiro e sua consolidação como principal estratégia de referência à segunda pessoa do discurso ao longo do século XX. Para tanto, observa a utilização de diferentes estratégias de tratamento ao interlocutor em oito peças fluminenses desse período à luz do modelo teórico do *Poder e Solidariedade* (BROWN; GILMAN, 1960) e de teorias que discutem o fenômeno da gramaticalização (LEHMANN, 1985; HOPPER, 1991; BYBEE, 2003 e HEINE, 2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronomes. Gramaticalização. Cortesia.

A descrição do quadro dos pronomes pessoais da língua portuguesa contemporânea, principalmente no que diz respeito à chamada segunda pessoa do discurso no Português do Brasil, tem sido inegavelmente uma área profícua para muitas discussões motivadas, fundamentalmente, pela percepção da sensível distância entre os reais usos e a prescrição da maioria dos compêndios gramaticais. É de amplo conhecimento que a norma padrão vigente tanto em território brasileiro quan-

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [acmachado@cefeteq.br](mailto:acmachado@cefeteq.br)

to em território português remonta os usos lusitanos do final do século XIX e início do XX (PAGOTTO, 1998); desse modo, não é difícil imaginar que haja, ao menos no caso da língua em uso no Brasil, uma grande diferença entre a variedade padrão e as demais variedades — fato que tem acarretado numerosos problemas relacionados sobretudo ao ensino da norma padrão no Brasil, que se mostra, neste e em muitos outros aspectos, bastante distinta da variedade que os alunos trazem de suas casas para a escola e, até mesmo, da chamada norma culta — variedade utilizada por falantes com alto grau de escolaridade, pertencentes a classes sociais de prestígio.

No caso específico da segunda pessoa do discurso, as discrepâncias entre ‘o que as gramáticas omitem ou distorcem’ e ‘o que as pesquisas revelam’ se mostram bastante evidentes. Por um lado, parece ser consenso entre gramáticos como Cuesta e Luz (1971), Almeida (1980), Cunha e Cintra (1985), Luft (1985), Rocha Lima (2003) e Bechara (2004) afirmar (a) que os pronomes pessoais de 2ª pessoa são apenas as formas *tu* e *vós*, funcionando como sujeito, e *te*, *ti*, *contigo*, *vos*, *vós*, *convosco*, desempenhando o papel de complemento, (b) que os pronomes possessivos de 2ª pessoa são *teu(s)/ tua(s)* e *vosso(s)/ vossa(s)* e (c) que cabe à forma *você(s)* somente categorizações à parte expressas nas mais diversas nomenclaturas — *pronome de tratamento*, *pronome de segunda pessoa indireta*, *forma substantiva de tratamento*, entre outras. Cabe ressaltar, no entanto, que, apesar de utilizar diferentes rótulos, as gramáticas em questão não apresentam diferenciações substanciais em relação à conceituação dessas *subclasses*, uma vez que para todas *você(s)* é uma forma *pronominal* de tratamento que, apesar de designar a 2ª pessoa, leva o verbo para a 3ª. Além disso, esses compêndios, mesmo reconhecendo que a forma *você(s)* faz referência à segunda pessoa do discurso, não prevêem a combinação de *você(s)* com pronomes de 2ª pessoa gramatical (*te*, *ti*, *teu(s)/ tua(s)*; *vos*, *vós*, *vosso(s)/ vossa(s)*), optando, apenas, por alertar os usuários da língua para a ambiguidade dos pronomes *seu(s)/ sua(s)* que podem se referir tanto à 3ª pessoa quanto aos tratamentos que designam a 2ª pessoa, mas levam o verbo para a 3ª.

Por outro lado, vários estudos, como os de Paredes Silva (1999), Lopes e Duarte (2002, 2003), Rumeu (2004), Lopes e Machado (2005), entre outros, procuraram, baseados na realidade linguística, explicitar as sensíveis mudanças processadas no interior do paradigma pronominal do Português brasileiro (doravante PB), ao longo dos últimos séculos, e constataram, em linhas gerais, que a forma *você(s)* se inseriu nesse paradigma, a partir do século XIX, com uma sensível intensificação de seu emprego como pronome, e consolidou-se, ao longo do sécu-

lo XX, com sua transformação na principal estratégia de referência à segunda pessoa do discurso.

Este trabalho, assim como os estudos supracitados, todavia, não se restringe ao simples mapeamento dos usos mais frequentes em algumas variedades selecionadas para investigação, ocupa-se, sobretudo, da análise dos fatores sócio-pragmáticos e formais que motivaram a *variação* ou a mudança e observa, ainda, os reflexos estruturais ocasionados pela a inserção de *você(s)* no sistema pronominal do PB, principalmente no tocante à (a) perda da correspondência direta entre interpretação semântica e traços formais dos pronomes e das desinências verbais de número e pessoa e (b) mudança no padrão de preenchimento dos sujeitos no PB.

Sabe-se que a introdução de *você(s)* se realizou em dois pontos distintos do paradigma pronominal do PB — variando com o pronome *tu* no singular e substituindo a forma *vós* no plural. Dessa maneira, não é difícil imaginar que essas transformações, juntamente com a entrada da forma a *gente*, comprometeram sensivelmente a estabilidade do quadro dos pronomes pessoais, que passou, então, a apresentar assimetria tanto em seu interior como em relação a outros paradigmas, principalmente o das desinências verbais de número e pessoa, como são tradicionalmente conhecidas, ocasionando, assim, a perda da correspondência direta entre a interpretação semântica desses pronomes e a flexão verbal correspondente a cada pessoa.

A principal razão para tal assimetria se deve à origem nominal dessa forma que remonta ao tratamento cerimonioso *Vossa mercê*. A manutenção da flexão verbal na 3ª pessoa e a associação a outros pronomes também de 3ª pessoa, traços característicos de formas nominais, proporcionam uma aparente incompatibilidade entre interpretação semântica e formal, uma vez que *você(s)* faz referência, atualmente no PB, à segunda pessoa do discurso sem designar, como fazem os tratamentos nominais, nenhuma outra relação semântica (como uma relação de assimetria entre os interlocutores, por exemplo). Vale lembrar que, em consequência desses empregos de 3ª pessoa, alguns pronomes oblíquos e possessivos e as desinências verbais de 3ª pessoa tornaram-se ambíguas, pois estes passaram a designar não somente seres ou objetos (em relação aos possessivos, sua posse) que estão fora do discurso — *de quem/ que se fala* — para representar também um dos participantes do discurso — *com quem se fala*.

No entanto, apesar dessas *inconveniências* para a descrição de *você(s)* como pronome de 2ª pessoa, parecem ser inquestionáveis as evidências apresentadas por

diversos estudos linguísticos para a categorização dessa forma entre os pronomes, pois, ao negar o *status* pronominal de *você(s)*, como faz a grande parte dos compêndios gramaticais, a descrição das estratégias de referência à segunda pessoa depara-se com a difícil tarefa, por um lado, de apresentar um quadro pronominal em que as formas de 2ª pessoa *tu* e *vós* convivem em situação desfavorável, no caso da primeira, ou foram completamente suplantadas, em relação à segunda, por uma “forma substantiva de tratamento”<sup>2</sup> e, por outro, de explicar a razão pela qual formas de 2ª e 3ª pessoas se associam na referência a um mesmo interlocutor, comprometendo, assim, a *uniformidade do tratamento*, defendida veementemente por gramáticos como Almeida (1980).

## O aparato teórico

### Breves considerações sobre cortesia

Um estudo acerca das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso está, como aponta Faraco (1996, p. 57), intimamente ligado a uma criteriosa investigação de fatores sociais:

[A] dinâmica inter-relação entre fatores sociais e verbais pode ser particularmente visível no sistema de tratamento ao interlocutor, já que esse sistema representa talvez de forma mais direta alguns dos fundamentos axiológicos da organização do *status* social.

Seguindo esta perspectiva, a investigação das relações estabelecidas entre os participantes de uma situação comunicativa se mostra essencial para a análise do tratamento ao interlocutor. Para entender que relações são estas, é de fundamental importância discutir a dicotomia “poder e solidariedade”, proposta inicialmente por Brown & Gilman, em 1960, no trabalho *The pronouns of power and solidarity*.

Nesse trabalho, os autores analisam as regras de tratamento em vinte línguas, a maioria de origem indoeuropéia, e concluem que a escolha das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso está regulamentada por relações de poder e solidariedade. Este par de conceitos, segundo os autores, está presente em todas as formas de interação verbal entre os interlocutores. O *poder* é, nesse sentido, compreendido como o controle que uma pessoa exerce sobre outra em uma determinada situação interativa. Desse modo, para que haja uma relação de poder é necessário que pelo menos duas pessoas estejam interagindo socialmente e que a

<sup>2</sup> Nomenclatura adotada por Bechara (2004).

relação entre ambas não seja recíproca, simétrica. A necessidade de não reciprocidade da relação se deve ao fato de que todos os participantes da interação não podem ter poder na mesma área de comportamento. Sendo assim, o poder está presente em relações assimétricas, diferenciais ou não recíprocas e esta hierarquia pode ser observada em atributos como idade, geração e autoridade (o pai é superior ao filho, o professor, ao aluno, o patrão, ao empregado).

Ao contrário do que ocorre em uma relação de poder em que o conceito de hierarquia é de fundamental importância para entender a assimetria no tratamento, na *solidariedade*, pressupõe-se a existência de forças iguais, de um mesmo nível de hierarquia social decorrente de relações recíprocas ou simétricas. Essas relações simétricas derivam fundamentalmente dos atributos de sexo, parentesco e filiação de grupo, que, por sua vez, estão ligados às idéias de afinidade, semelhança, afeto e agrado.

Com relação à distribuição das estratégias de referência ao interlocutor, é possível dizer que o poder é o núcleo do eixo semântico assimétrico e a solidariedade é o elemento central do eixo semântico simétrico. Portanto, há dois tipos de relação assimétrica — uma em que o emissor exerce poder sobre o receptor e outra em que é o receptor que é o detentor do poder frente ao emissor — bem como há duas formas de relação simétrica — uma em que a solidariedade entre os participantes da situação comunicativa se faz presente e outra em que não é possível observar solidariedade.

Segundo os autores, o uso de formas *V* (como *vous*, em francês) está intimamente ligado a relações simétricas em que os componentes da ação não apresentam afinidades, ou seja, não há solidariedade, e a situações assimétricas em que o emissor se encontra em uma situação hierarquicamente inferior à do receptor. Formas *T* (como *tu*, em francês), por outro lado, estão a serviço de relações simétricas em que a reciprocidade e a solidariedade estão expressas e de situações assimétricas em que o emissor exerce alguma forma de poder sobre o receptor. Sabe-se que, nos primeiros séculos de sua trajetória, *você(s)* apresentava um comportamento semelhante ao das denominadas formas *V*; entretanto, cabe investigar (este um dos principais objetivos deste estudo) se atualmente já se pode dizer que essa forma já pertence a domínios que antes eram exclusivos das formas *T*.

## As teorias sobre o fenômeno da gramaticalização

Além de analisar as situações pragmáticas em que *você(s)* é utilizado, é necessário entender as especificidades que distinguem esse item dos demais pronomes pessoais do caso reto (exceto *a gente*), no PB; para isso, investigar a aplicabilidade do processo de gramaticalização a essa forma se mostra essencial. A gramaticalização, segundo Heine (2003), é uma teoria que oferece uma abordagem explanatória de como as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem. Segundo o autor, uma notável estratégia humana consiste em usar formas linguísticas de significados concretos, facilmente acessíveis e delimitáveis para expressar conceitos mais abstratos que não são tão facilmente acessíveis e delimitáveis. Para esse fim, expressões linguísticas lexicais ou menos gramaticais são pressionadas a servir em funções mais gramaticais.

Nesse sentido, o próprio trabalho de Heine (2003) e alguns outros como os de Lehmann (1985) e Hopper (1991) buscam apresentar mecanismos, processos e princípios que auxiliem na identificação e descrição da gramaticalização. No entanto, esse número de teorias distintas acerca do processo da gramaticalização produziu, ao longo das três últimas décadas, uma infinidade de nomenclaturas que, muitas vezes, servem para designar fenômenos semelhantes. A fim de conciliar essas propostas, demonstrando a compatibilidade e a complementaridade entre elas, apresenta-se a seguir uma tentativa de organização dos fenômenos descritos sob os eixos sincrônico e diacrônico, conforme mostra o quadro a seguir.

EIXO SINCRÔNICO	EIXO DIACRÔNICO	
<i>Estratificação</i> (HOPPER, 1991) <i>Divergência</i> (HOPPER, 1991) <i>Persistência</i> (HOPPER, 1991)	<i>Mudança semântica com ampliação dos contextos pragmáticos</i>	<i>Desgaste</i> (LEHMANN, 1985) <i>Dessemantização</i> (HEINE, 2003) <i>Extensão</i> (HEINE, 2003)
	<i>Mudança morfossintática</i>	<i>Obrigatoriedade</i> (LEHMANN, 1985) <i>Especialização</i> (HOPPER, 1991) <i>Fixação</i> (LEHMANN, 1985) <i>Decategorização</i> (HOPPER, 1991; HEINE, 2003) <i>Paradigmatização</i> (LEHMANN, 1985)
	<i>Mudança fonológica</i>	<i>Desgaste</i> (LEHMANN, 1985) <i>Erosão</i> (HEINE, 2003)

**Quadro 1:** Mecanismos, princípios e processos de gramaticalização.

Na *perspectiva sincrônica*, podem-se identificar processos de gramaticalização através de alguns princípios propostos por Hopper (1991). O primeiro princípio postulado por esse autor é o da *estratificação* ou *layering*. Para

entender esse princípio, é necessário, inicialmente, explicitar que a forma submetida à gramaticalização altera seu conteúdo semântico ao longo de sua história, conforme será descrito a seguir, e, por conseguinte, passa a exercer funções que antes eram desempenhadas por outras formas presentes na língua há mais tempo. Desse modo, duas formas passam a concorrer para o exercício da mesma função. Essa coexistência é prevista por esse princípio que determina que, em um amplo domínio funcional, novas camadas da língua emergem continuamente, sem que, para tanto, as camadas mais antigas sejam necessariamente descartadas, podendo permanecer e, até mesmo, interagir com estas. No caso do processo de gramaticalização de *Vossa mercê* > *você*, observa-se que as formas emergentes de tratamento à segunda pessoa do discurso – *você* / *vocês* – convivem ou conviveram, em um período de transição, com as formas mais antigas – *tu* / *vós*. Tal fato será comprovado na amostra que será analisada em relação às formas singulares.

Outra maneira de convivência entre o velho e o novo na língua pode ser observada no princípio da *divergência*. Esse princípio descreve o estado da língua em que a forma em vias de gramaticalização e a forma original continuam a ser utilizadas como elementos autônomos, o que permite que ambas convivam lado a lado. Em outras palavras, o item lexical que deu origem ao processo de gramaticalização é preservado, conservado. Com relação a isso, é importante esclarecer que a forma original pode voltar a sofrer mudanças como qualquer item lexical autônomo. No caso da gramaticalização de *você*, nota-se que, apesar de a forma original *Vossa mercê* ter se desgastado foneticamente e alterado seu valor semântico, transformando-se no pronome *você*, o item lexical original, o substantivo *mercê*, mantém sua integridade fonológica e, até mesmo, semântica.

O último e mais importante princípio ligado ao eixo sincrônico é o da *persistência*. Esse princípio pode ser observado quando um item lexical em vias de gramaticalização assume uma função mais gramatical e alguns traços de seu significado original tendem a aderir-se ao novo emprego. Dessa forma, detalhes de sua história, como item lexical, podem se encontrar refletidos em restrições de sua distribuição gramatical. Essa persistência do velho no novo é inegavelmente a característica mais marcante de um item ou expressão gramaticalizada, já que são esses traços detectados pelo princípio da *persistência* que marcarão as singularidades da forma em relação aos demais constituintes de sua categoria destino. Com relação a essa questão, é importante explicitar que essas singularidades contribuem de modo intenso para que a descrição e o ensino da língua se tornem menos econômicos e mais complexos.

Apesar de Hopper (1991) citar, nesse princípio, apenas a conservação de traços semânticos, na gramaticalização de *você*, a *persistência* mais evidente é a conservação da marca verbal de 3ª pessoa (característica do item original), mesmo com essa forma exercendo o papel de pronome de 2ª pessoa. Outra persistência formal que pode ser observada no processo de gramaticalização em estudo é o fato de essa forma ainda ser capaz de exercer funções sintáticas distintas da de sujeito, função única dos pronomes pessoais do caso reto, paradigma do qual agora faz parte. Em outros termos, é possível considerar a mobilidade sintática de formas nominais como um traço distintivo dos pronomes pessoais, uma vez que estes ao modificarem sua função sintática alteram sua forma; sendo assim, *você*, ao se apresentar em diferentes funções sem, entretanto, possuir qualquer tipo de *marcação de caso*, resguarda uma característica de sua origem nominal.

Passando do eixo sincrônico para o diacrônico, parece ser um consenso analisar o processo de gramaticalização na *perspectiva diacrônica* sob os seguintes prismas: (a) mudança semântica e ampliação dos contextos pragmáticos, (b) mudança morfossintática e (c) mudança fonológica.

Sob o prisma da mudança semântica e da ampliação dos contextos pragmáticos, é possível observar que, em um primeiro momento, tem-se uma expressão linguística que é recrutada para o processo de gramaticalização. Essa expressão experimenta, em seguida, uma alteração gradativa de seu valor semântico em contextos específicos, tornando seu significado, ao longo de sua trajetória, cada vez mais gramatical, conforme prevê Lehmann (1985) no processo de *desgaste* e Heine (2003) no mecanismo de *dessemantização*. Ao iniciar a transformação de seu significado, essa forma ganha paulatinamente novos empregos, passando a ser usada em contextos pragmáticos em que não podia ser empregada anteriormente e ampliando, assim, seu escopo de uso, como propõe o mecanismo da *extensão* concebido por Heine (2003).

Analisando o processo de gramaticalização de *Vossa mercê* > *você*, é fácil identificar a mudança semântica e a extensão dos contextos pragmáticos de uso dessa forma. Segundo Salles (2001), o nome *mercê* originalmente não se refere à pessoa do rei, mas à graça e favor que este dispensa a seus súditos. Ainda segundo o autor, posteriormente, por um procedimento metonímico de designar a causa pelo efeito, *mercê* passa a denotar tanto *o ato de bem fazer* como *a vontade de quem o pratica*. Dessa maneira, o uso desse item torna-se parte do tratamento cerimonioso *Vossa mercê* que, inicialmente, por volta de 1460, é destinado de forma exclusiva ao rei de Portugal, atingindo, em 1490, alguns membros da nobreza

— duques, infantes e fidalgos — e alcançando, em seguida, já no século XVI, os membros da burguesia. Para Salles (2001), a extensão do uso de *Vossa mercê* prossegue com a transformação dessa estratégia em uma forma habitual de tratamento não íntimo entre membros iguais da aristocracia que passam, então, a exigir que seus subalternos os tratem do mesmo modo. Nesse caso, o fato de ser uma forma utilizada no tratamento de iguais demonstra uma perda de sua semântica inicial que guarda em si uma forte noção de assimetria.

Essa sensível ampliação no uso dessa forma explica em parte o fato de sua evolução ter se dado em duas vertentes, uma vez que, de um lado, mantém sua integridade formal e seu valor como forma de tratamento relativamente respeitosa e, de outro, por volta dos séculos XVII e XVIII, simplifica sua substância fonológica, transformando-se no pronome *você(s)*, cujo uso é corrente no tratamento à segunda pessoa do discurso já no século XIX e que se transforma, como veremos mais detalhadamente mais adiante, na principal estratégia de referência ao interlocutor ao longo do século XX. Nesse sentido, é importante ressaltar que a alteração do conteúdo semântico prossegue e que, atualmente, já se pode encontrar *você* sendo empregado como referência indeterminadora<sup>3</sup>.

Em suma, é possível afirmar que, ao observar o percurso evolutivo de *Vossa mercê* > *você*, nota-se que, progressivamente, os contextos pragmáticos que requeriam o emprego dessa forma se diversificaram e, conseqüentemente, se expandiram e que esta transformou parte de sua semântica inicial. Desse modo, não é difícil imaginar que sua frequência de uso, fator imprescindível para detectar processos de gramaticalização, deva ter aumentado ao longo de sua trajetória (fato que se comprova na análise dos dados a seguir), visto que, segundo Bybee (2003), os morfemas gramaticais têm frequência extremamente alta se comparada com os morfemas lexicais. Cabe ressaltar que a autora também prevê, de certo modo, o mecanismo da *extensão* concebido por Heine (2003), pois defende que, durante o processo de gramaticalização, há um sensível aumento da frequência não só do número, mas também dos tipos de contexto em que a forma é utilizada.

Ainda de acordo com a questão da frequência, Bybee (2003) preocupa-se em esclarecer que a gramaticalização não deve ser vista como um simples processo de transformação de um item lexical em um morfema gramatical, e sim como um conjunto de modificações que ocorrem em um contexto particular de uma

---

<sup>3</sup> Entende-se, como referência indeterminadora, usos de *você* como “Você que mora no Rio sabe o quanto é alto o custo de vida aqui”.

determinada construção. Dessa maneira, propõe uma nova definição de gramaticalização em que reconhece o papel crucial da repetição nesse processo e o caracteriza como a sequência de palavras ou morfemas lexicais frequentemente usados (no caso do processo em estudo, *Vossa mercê*) que se tornam automáticos como uma única unidade de processamento (*você*, ou ainda mais radical, *cê*). Sendo assim, é possível associar altos índices de frequência de uso à perda de substância fonológica das formas em vias de gramaticalização. Essa perda é apontada por Lehmann (1985) e Heine (2003) como evidências diacrônicas desse processo.

Segundo Vitral (1996), a forma *Vossa mercê*, ao ser submetida ao processo de gramaticalização, desgastou-se fonologicamente de maneira tão drástica que pode ser considerada hoje um clítico – *Vossa mercê* > *Vossancê* > *Vossemecê* / *Vossecê* > *você* > *ocê* > *cê*. Tomando ainda as idéias de Vitral, pode-se detectar, no caso da gramaticalização do *cê*, a relação existente entre redução fonológica e alteração no comportamento sintático das formas, pois quanto mais simplificada fonologicamente a forma se apresentar, menor é o número de contextos sintáticos em que esta pode aparecer. Nesse ponto, cabe um questionamento: a perda de parte da liberdade sintática da forma se dá por uma diminuição de sua substância fonológica ou simplesmente por ser esta uma característica intrínseca à gramaticalização, conforme propõem alguns teóricos desse processo, visto que algumas formas se gramaticalizam sem alterar sua substância fonológica? Para se refletir acerca deste questionamento, é necessário, primeiramente, conhecer os processos, princípios e mecanismos que Lehmann (1985), Hopper (1991) e Heine (2003) concebem como indícios de gramaticalização no nível sintático.

Lehmann (1985), ao descrever o processo de *fixação*, pressupõe a perda da variabilidade sintagmática do item ou expressão em via de gramaticalização, pois o signo gramaticalizado tende a ocupar uma posição sintática mais fixa, depois uma posição morfológica mais determinada. Esse processo ocorre, possivelmente, de maneira simultânea ao da *obrigatoriedade* também proposta por Lehmann (1985), que aparentemente corresponde ao princípio da *especialização* descrito por Hopper (1991). A *obrigatoriedade* ou *especialização* estabelece que, em um determinado estágio, formas que possibilitavam diferentes interpretações semânticas, com o processo de gramaticalização, sofrerão um estreitamento em sua variedade de escolhas e uma diminuição da possibilidade de combinação com itens que admitem significados mais gramaticais.

No caso da gramaticalização de *Vossa mercê* > *você*, é possível observar que a inserção dessa forma no paradigma dos pronomes pessoais do Português é

acompanhada por sua fixação em uma posição sintática determinada, nesse caso, de sujeito da oração (RUMEU, 2004). Cabe esclarecer que confirmada a especialização dessa forma na função sintática de sujeito, fato que é próprio dos pronomes pessoais do caso reto, tem-se uma evidência do princípio da *decatégorização*, visto que, ao se especializar nessa função, *você(s)* tende a não exercer mais a função de complemento verbal e de não integrar mais a locução prepositiva *de você* indicativa de posse. Além disso, não é difícil imaginar que, ao interpretar *você* como um pronome de 2ª pessoa, este passe a se associar a outras formas de 2ª pessoa (*te, teu(s)/ tua(s)*) e não mais a formas de 3ª pessoa como é próprio dos nomes.

## O corpus

Sabe-se que as estratégias de referência ao interlocutor são exclusividade de determinados gêneros textuais; assim, faz-se necessária, obrigatoriamente, a escolha de textos que apresentem dialogicidade, ou seja, que reflitam a interação direta entre emissor e receptor em uma situação comunicativa. Tem-se conhecimento também de que a modalidade que abriga, por excelência, esses gêneros é a oral; no entanto, em épocas mais distantes da contemporaneidade, a apreensão dessa modalidade só é possível através de uma tentativa representação da oralidade na escrita. A fim de atender esses requisitos, o gênero dramático mostra-se como um dos mais adequados para a análise linguística do fenômeno da referência ao interlocutor, já que, apesar de compreender textos escritos, é destinado à representação – só adquire vida ao se corporificar numa encenação; em outros termos, sua relação com o público, *grosso modo*, não se dá através da leitura, e sim através da encenação de atores que agem sobre a composição, inicialmente, escrita em ação dialogada. Sua importância para os estudos linguísticos é inegável, pois, apesar de constituir um texto escrito, fruto da percepção individual de seu criador, busca representar usos linguísticos próprios das relações que se estabelecem no interior da organização social em que seus autores estão inseridos. Por isso, constitui um valioso material de análise.

Entretanto, é importante ressaltar que, entre as peças teatrais, há uma grande diversidade de formas, cuja diferenciação gera uma quantidade considerável de categorias. Para a observação do fenômeno em estudo, parece ser bastante adequada a utilização de comédias de costumes, que se caracterizam pela criação de tipos e situações de época, com uma sutil sátira social, proporcionando um exame

dos comportamentos humanos num determinado contexto social. Além disso, a opção por esses textos segue uma preferência claramente expressa por muitos estudiosos da língua, que afirmam que “quanto maior for o ‘recheio de informalidade’ de um texto, muito mais profícua e menos enviesada será a análise lingüística”, e Lopes (2006, p. 191), que defende especificamente o uso de comédias de costumes como material para estudos da língua:

As obras literárias, particularmente as peças teatrais, apesar de não reproduzirem a oralidade informal, são uma tentativa de reconstrução do real. O escritor, a partir da criação de diálogos nas comédias de costume, procura representar de forma estilizada as relações sociais de sua época. Sabe-se que não é um retrato fiel de um determinado contexto sócio-histórico, mas uma representação de uma realidade com a qual o público se identificava.

Apesar de se buscar delimitar ao máximo o tipo de amostra a ser estudado, um dos aspectos que se mostram mais árduos na tarefa de reunir um *corpus* formado por comédias de costumes parece ser encontrar similaridades em um gênero textual (como assim se pode categorizar esse grupo de obras que pertencem ao gênero dramático) que prima por retratar a diversidade de situações e hábitos que se experienciam diariamente. Dessa maneira, neste trabalho, optou-se por analisar oito peças teatrais produzidas e ambientadas no Rio de Janeiro do século XX (exceção feita à obra *Clube do Leque* (Baião, 1995), que se passa em uma cidade ficcional, mas que se baseia no cotidiano carioca), que almejam retratar os costumes da vida familiar dos fluminenses nesse século; para tanto, buscaram-se obras que fossem constituídas por cenários que compreendessem, preponderantemente, ambientes privados — casa, pensão onde residem os personagens — e apresentassem, em geral, relações íntimas. Tendo em vista esses critérios, constituiu-se o seguinte *corpus*:

<b>O CORPUS</b>		
<i>Peça</i>	<i>Autor</i>	<i>Data</i>
<i>Quebranto</i>	Coelho Neto	1908
<i>O simpático Jeremias</i>	Gastão Tojeiro	1918
<i>O hóspede do quarto nº 2</i>	Armando Gonzaga	1937
<i>Dona Xepa</i>	Pedro Bloch	1952
<i>Tôda donzela tem um pai que é uma fera</i>	Gláucio Gill	1962
<i>Comunhão de bens</i>	Alcione Araújo	1980
<i>Intensa Magia</i>	Maria Adelaide Amaral	1995
<i>Clube do leque</i>	Ísis Baião	1995

**Quadro 2:** O *corpus*.

## As hipóteses norteadoras

Ao selecionar uma amostra composta por comédias de costumes, tinha-se como objetivo constatar (i) quais estratégias pronominais predominaram nas diferentes obras em análise e (ii) qual o comportamento das formas pronominais em questão quanto a seu preenchimento na função de sujeito ao longo do século. Desse modo, buscava-se referendar, no *corpus* selecionado, os resultados obtidos por trabalhos como o de Paredes Silva (1999), sobre a fala dos cariocas; em outras palavras, pretendia-se investigar (i') se, de fato, ocorrera a substituição do pronome *tu* pela forma inovadora *você*, concretizando pronominalização desta última, e (ii') se as estratégias em questão teriam seguido a tendência de preenchimento do sujeito do PB – variedade que teria experimentado uma mudança do padrão do sujeito nulo, em torno da década de 30, para sujeito pleno, segundo hipótese defendida por Duarte (1993) – ou se, na amostra em análise, teriam mantido altos índices de não preenchimento, seguindo a propensão à elipse dos pronomes na função de sujeito característica dos gêneros textuais pertencentes à modalidade escrita, como a peça teatral. Cabe salientar que se optou, neste estudo, por analisar somente as estratégias pronominais no singular, por se entender que as mudanças entre as estratégias no plural se consolidaram antes do século XIX e que, desse modo, no século XX, a forma *vocês* já tinha suplantado de modo decisivo o pronome *vós*, tido há muito como traço arcaizante.

## As estratégias pronominais de referência ao interlocutor no século XX: três momentos distintos

A fim de testar as hipóteses anteriormente apresentadas, analisou-se, inicialmente, o confronto entre as formas *você* e *tu* na função de sujeito da oração, preenchidas ou não (exemplos de 1 a 4), e obtiveram-se os resultados que seguem na tabela após os exemplos.

- (1) Porfírio — Joãozinho, você vai me fazer um favor. De hoje em diante você vai me considerar seu inimigo.” (*Tôda donzela tem um pai que é uma fera* (1962), p. 33)
- (2) Helô — Você me leva?  
Guto — A anfitriã é você.  
Helô — Gosto de ser carregada.

Guto — Meus óculos caíram por aqui. Sem eles eu não...

Helô — Não Øprecisará deles... CarregueØ-me para a cama... sejaØ gentil... por favor... (*Comunhão de bens* (1980), p. 34)

- (3) Joãozinho — Só peço que daqui a dois anos, quando me encontrares com DEZ filhos nas costas, tu te lembres que tu foste o responsável. (*Tôda donzela tem um pai que é uma fera* (1962), p.8)
- (4) Macário — À vontade! (*Fortuna descalça-se*) ØEstás em tua casa. A propósito: porque não Ødeixas o hotel? Aquilo não te convém. ØTens aqui excelentes cômodos independentes, onde Øficas à vontade e com o conforto que lá não Øachas. Sempre é uma casa de família. (*Quebranto* (1908), p. 6)

A distribuição de “você” e “tu” na amostra									
Peças em análise	<i>Quebranto</i> (1908)	<i>O simp... Jeremias</i> (1918)	<i>O hosp... Quarto 2</i> (1937)	<i>Dona Xepa</i> (1952)	<i>Tôda... fera</i> (1962)	<i>C.de bens</i> (1980)	<i>Intensa Magia</i> (1995)	<i>C. do leque</i> (1995)	TOTAL
<b>VOCÊ</b>	17/211 (08%)	237/416 (57%)	206/206 (100%)	200/240 (83%)	458/508 (90%)	598/685 (87%)	273/308 (89%)	163/297 (55%)	2152/2871 (75%)
<b>TU</b>	194/211 (92%)	179/416 (43%)	0/206 (00%)	40/240 (17%)	50/508 (10%)	87/685 (13%)	35/308 (11%)	134/297 (45%)	719/2871 (25%)

**Tabela 1:** A distribuição de *você* e *tu* na amostra.

Nota-se que há um sensível aumento no emprego de *você* entre as obras de 1908 e 1937, quando o uso dessa forma inovadora se mostra categórico, e, posteriormente, observa-se a manutenção dessa estratégia como a principal em praticamente todas as obras em análise, ficando a exceção por conta da última peça – *Clube do Leque* (BAIÃO, 1995) – em que é possível observar um certo equilíbrio entre as ocorrências das formas pronominais; vale ressaltar, entretanto, que os dados *tu*, nesta peça, correspondem, em maior parte, assim como nas demais obras (exceto na de 1908), à utilização de formas imperativas, e, em menor parte, mas não menos importante, a seu emprego *não padrão*, utilizando os termos de Paredes Silva (1999). Entende-se como emprego *não padrão* de *tu* a associação dessa forma pronominal à marca verbal correspondente à terceira pessoa do singular (tomando-se, nesse sentido, a ausência de desinência – Ø – como traço distintivo em face da presença da desinência), conforme mostra o exemplo (05):

- (5) Te aquieta, menino chato, (*APLICA-LHE UM BELISCÃO*) Vai, vai contar pra tua que eu digo pra ela que *tu* mostrou a língua pro São Judas Tadeu. (*Clube do leque* (1995), p. 25, grifo nosso)

A combinação de *tu* com formas verbais de 3ª pessoa é constatada também em trabalhos como os de Paredes Silva (1999, 2003), Lopes, Couto & Duarte (2005) e Menon e Loregian-Penkhal (2002). Paredes Silva (1999, 2003), com base em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XIX e XX e em amostras de fala, observa o retorno do pronome *tu* à fala carioca, a partir da segunda metade do século XX, desta vez acompanhado da forma verbal sem a desinência característica da 2ª pessoa. Tal fenômeno é descrito, ainda, por Lopes, Couto & Duarte (2005), ao tomar como amostra um roteiro de cinema, cuja história também se desenvolve na capital fluminense. Cabe sublinhar que a associação do pronome *tu* a formas verbais de 3ª pessoa não se restringe ao Rio de Janeiro, pois é também observada por Menon e Loregian-Penkhal (2002), na cidade de Porto Alegre, onde as autoras constatam que este uso é mais produtivo que o emprego de *tu* acompanhado da flexão verbal correspondente à 2ª pessoa; entretanto, ao contrário do que ocorreu no Rio de Janeiro, em que *tu*, aparentemente, apresenta uma acentuada queda em sua frequência de uso entre as décadas de 30 e 70 (PAREDES SILVA, 1999<sup>4</sup>), em Porto Alegre não é possível falar em um retorno, pois o emprego desse pronome é um uso linguístico próprio desta cidade.

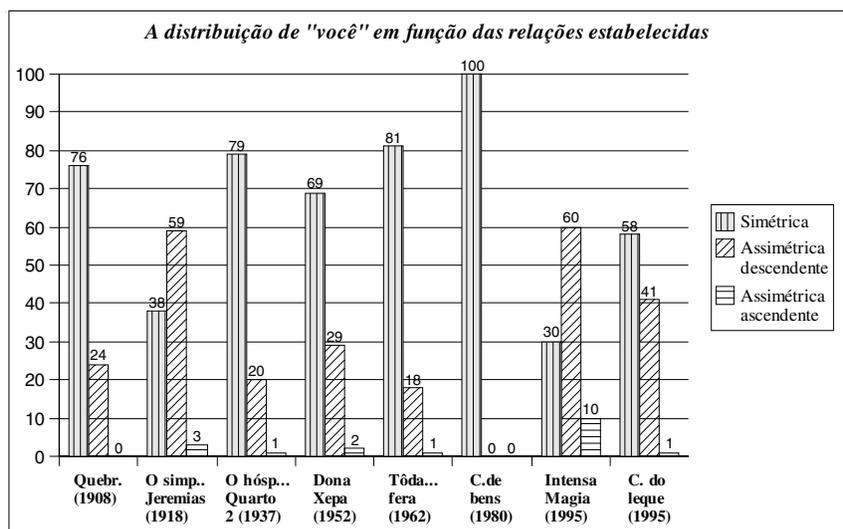
É importante salientar que esse emprego *não padrão* de *tu*, no Rio de Janeiro, restringe-se, na amostra em análise, à fala de personagens marcadamente pertencentes à classe baixa, uma vez que só é encontrado no diálogo entre empregadas domésticas e entre estas e outros personagens de equivalente “valor social”. Tal fato também é constatado por Paredes Silva (1999), ao observar que esse uso, em algumas peças ambientadas no Rio de Janeiro a partir de 1950, se circunscreve à caracterização de tipos populares, retratando exclusivamente infratores e marginais, em alguns casos, e moradores do subúrbio em geral, em outros.

Com base na análise apresentada, é possível diagnosticar três momentos distintos no que diz respeito ao emprego de formas pronominais de 2ª pessoa ao longo do século XX: a predominância de *tu*, na primeira década, seguindo uma tendência do século XIX, constatada por estudos como o de Lopes & Duarte (2003); a ascensão e consolidação de *você* como principal estratégia pronominal de referência ao interlocutor a partir da década de 20; e o retorno de *tu* em seu emprego *não padrão* concorrendo com a forma *você* no final do século.

---

<sup>4</sup> A autora, analisando, na primeira parte de seu trabalho, peças teatrais cariocas da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, afirma que “o que se observa é um crescendo na utilização do *você* proporcional à perda do uso de *tu*. O pronome *tu* chega a apresentar-se com uma taxa de 18% em Martins Pena (1844/45) e atinge uma média de 4% nas últimas peças do período (compreendidas entre os anos de 1922 e 1954).”

Cabe ressaltar ainda que, além do aumento da frequência de uso, fato que, na amostra sob investigação, ocorre de maneira marcante com *você*, há um aumento dos tipos de contexto em que essa forma é empregada. Heine (2003) defende que, durante o processo de gramaticalização de um item ou expressão linguística, deve haver também um sensível aumento da frequência dos tipos de contexto em que a forma é utilizada. Tal alargamento nas possibilidades de uso da forma gramaticalizada é descrito por este autor como mecanismo da *extensão*. Esse mecanismo, em linhas gerais, conforme já visto, ocorre quando o item em vias de gramaticalização pode ser utilizado em novos contextos em que não podia ser empregado anteriormente. Sabe-se que, no percurso evolutivo vivenciado pela forma *você*, progressivamente, os contextos pragmáticos que requeriam o emprego dessa forma se diversificaram e, conseqüentemente, se expandiram, acarretando a transformação de parte de sua semântica inicial. O uso, que em sua origem era exclusivamente assimétrico ascendente (de inferior para superior) – de um súdito para o rei, de um plebeu para um nobre, se expandiu paulatinamente até atingir contextos de *simetria* e de *assimetria descendente* (de superior para inferior) – de pai para filho, de patrão para empregado, entre outros – como pode ser verificado no *corpus* em estudo, em que o emprego de *você* é constatado em todas as relações sociais.



**Gráfico 1:** A distribuição de *você* em função das relações estabelecidas.

Rumeu (2004), com base nas mesmas relações, observa o emprego de *você*, no século XIX, de maneira preponderante nas relações assimétricas descendentes –

94%. Associando o resultado do século XIX aos dados do gráfico 1, é possível constatar um alargamento dos contextos em que *você* é utilizado, uma vez que, na peça de 1918, por exemplo, essa forma pode ser encontrada em todas as relações sociais. Além disso, percebe-se claramente um aumento no número de ocorrências de *você* em domínios que anteriormente pertenciam ao pronome *tu* – as relações simétricas e as relações assimétricas descendentes<sup>5</sup>, como se pode observar na tabela a seguir.

A distribuição de “você” e “tu” nas relações simétricas (entre iguais) e assimétricas descendentes (de superior para inferior)										
Peças em análise	<i>Quebrant</i> <i>to</i> (1908)	<i>O simp...</i> <i>Jeremias</i> (1918)	<i>O hósp...</i> <i>Quarto 2</i> (1937)	<i>Dona</i> <i>Xepa</i> (1952)	<i>Tôda...</i> <i>fera</i> (1962)	<i>C.de</i> <i>bens</i> (1980)	<i>Intensa</i> <i>Magia</i> (1995)	<i>C. do</i> <i>leque</i> (1995)	TOTAL	
SIMÉ- TRICAS	VOCÊ	13/138 (09%)	90/193 (47%)	163/163 (100%)	137/157 (87%)	372/408 (91%)	597/684 (87%)	82/94 (87%)	95/187 (51%)	1549/2024 (77%)
	TU	125/138 (91%)	103/193 (53%)	00/163 (00%)	20/157 (13%)	36/408 (09%)	87/684 (13%)	12/94 (13%)	92/187 (49%)	475/2024 (23%)
ASSIMÉ- TRICAS DESCEN- TENDES	VOCÊ	4/73 (05%)	140/213 (66%)	41/41 (100%)	58/77 (75%)	83/93 (89%)	-	165/180 (92%)	67/108 (62%)	558/785 (71%)
	TU	69/73 (95%)	73/213 (34%)	0/41 (00%)	19/77 (25%)	10/93 (11%)	-	15/180 (08%)	41/108 (38%)	227/785 (29%)

**Tabela 2:** A distribuição de *você* e *tu* nas relações simétricas (entre iguais) e assimétricas descendentes (de superior para inferior).

Antes de comentar os resultados, cabe ressaltar que, apesar do emprego de formas nominais corresponder a 39% e 29% do total das ocorrências de estratégias de referência ao interlocutor na posição de sujeito nas relações simétricas e assimétricas descendentes, respectivamente, suas percentagens são relativamente constantes; por isso, não foram contempladas nesta análise, que busca mostrar uma alteração no comportamento linguístico dos personagens das obras sob investigação. A distribuição das formas nesses tipos de relação evidencia uma sensível alteração na utilização dos pronomes *tu* e *você*. Associando a este trabalho os resultados obtidos por Lopes e Duarte (2003) e Paredes Silva (1999), em peças teatrais dos séculos XVIII e XIX e no mesmo tipo de amostra da segunda metade do século XIX e primeira do XX, que constata a predominância no uso de *tu* nas relações simétricas e assimétricas descendentes, verifica-se que o comportamento

<sup>5</sup> As relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior), em todas as épocas, são amplamente dominadas pelas formas nominais de tratamento (*o senhor, a senhora, dona, o doutor*, entre outras).

dos sujeitos pronominais, nas peças *Quebranto* (COELHO NETO, 1908) e, em menor grau, na obra *O simpático Jeremias* (TOJEIRO, 1918), apresenta-se semelhante ao dos séculos anteriores, ao passo que, a partir da peça *O hóspede do quarto n° 2* (GONZAGA, 1937), há uma mudança abrupta no emprego dessas formas, uma vez que a estratégia inovadora *você* passa a apresentar maior produtividade que a forma mais antiga de 2ª pessoa. Sendo assim, é possível afirmar que o aumento no uso do pronome *você* se dá basicamente por seu avanço sobre os domínios que, nos séculos XVIII e XIX e no primeiro quartel do século XX, pertenciam à forma pronominal *tu*.

## A consolidação de “você” como principal estratégia de referência ao interlocutor e a mudança no padrão de preenchimento de sujeitos

A utilização predominante de *você* na função de pronome de 2ª pessoa do singular alterou não só o paradigma dos pronomes pessoais do caso reto como também foi decisiva para converter o comportamento do sujeito quanto a seu preenchimento. Com a inserção de *você* no quadro pronominal, a pessoa passou a ser indicada, no caso da 2ª, exclusivamente pelo pronome e não mais pelo verbo, uma vez que a marca verbal de pessoa restringiu-se ao Ø característico da 3ª, a *não pessoa*, segundo Benveniste (1988). A tabela a seguir mostra de maneira bastante clara que, ao ser empregada, a forma *você* tende a ser preenchida, comportamento bastante distinto da forma *tu* que se apresenta quase sempre de modo não preenchido.

O preenchimento dos sujeitos pronominais (II)										
Peças em análise		<i>Quebranto</i> (1908)	<i>O simp... Jeremias</i> (1918)	<i>O hósp... Quarto 2</i> (1937)	<i>Dona Xepa</i> (1952)	<i>Tôda... fera</i> (1962)	<i>C.de bens</i> (1980)	<i>Intensa Magia</i> (1995)	<i>C. do leque</i> (1995)	TOTAL
VOCÊ	PLENO	4/17 (23%)	110/237 (46%)	142/206 (69%)	131/200 (66%)	327/458 (71%)	316/598 (53%)	177/273 (65%)	44/163 (27%)	1251/2152 (58%)/(58%)
TU	NULO	13/17 (77%)	127/237 (54%)	64/206 (31%)	69/200 (34%)	131/458 (29%)	282/598 (47%)	96/273 (35%)	119/163 (73%)	901/2152 (42%)
	PLENO	29/194 (15%)	13/179 (07%)	-	1/40 (03%)	3/50 (06%)	0/87 (00%)	0/35 (00%)	29/134 (22%)	75/719 (10%)
	NULO	165/194 (85%)	166/179 (93%)	-	39/40 (97%)	47/50 (94%)	87/87 (100%)	35/35 (100%)	105/134 (78%)	644/719 (90%)

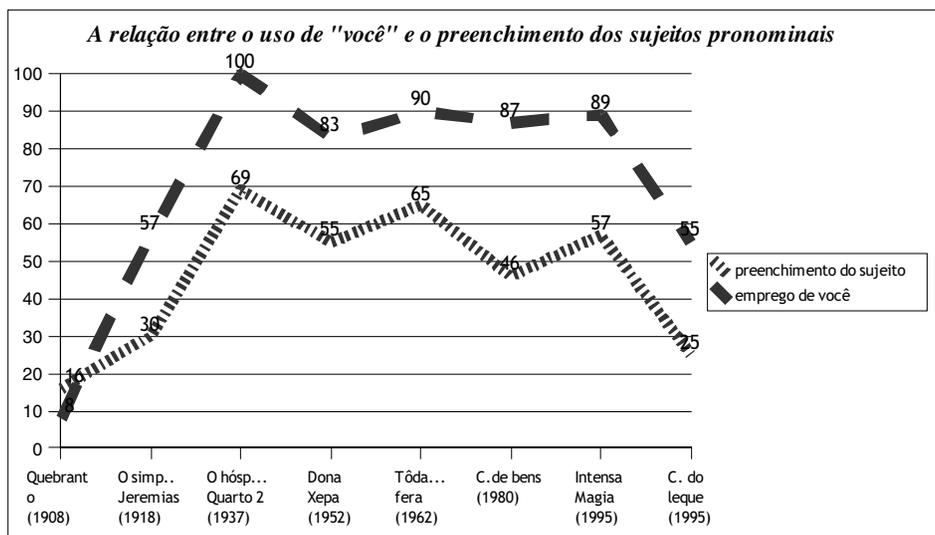
**Tabela 3:** O preenchimento dos sujeitos pronominais (I).

Os índices de não preenchimento de sujeito com o pronome *tu* mantém-se sempre acima dos 75%, ao passo que com a forma *você*, em seis das oito peças em estudo, conserva-se sempre abaixo dos 50%. Tal fato mostra que *você* ao se tornar o pronome de 2ª pessoa mais produtivo, nessa amostra, a partir da peça de 1918, transformou também o comportamento do preenchimento do sujeito, como é possível observar na tabela a seguir.

O preenchimento dos sujeitos pronominais (II)									
Peças em análise	Quebranto (1908)	O simpático Jeremias (1918)	O hóspede do quarto 2 (1937)	Dona Xepa (1952)	Tôda donzela tem um pai que é uma fera (1962)	C.de bens (1980)	Intensa Magia (1995)	C. do leque (1995)	TOTAL
PLENO	33/211 (16%)	123/416 (30%)	142/206 (69%)	132/240 (55%)	330/508 (65%)	316/685 (46%)	177/308 (57%)	73/297 (25%)	1326/2871 (46%)
NULO	178/211 (84%)	293/416 (70%)	64/206 (31%)	108/240 (45%)	178/508 (35%)	369/685 (54%)	131/308 (43%)	224/297 (75%)	1545/2871 (54%)

**Tabela 4:** O preenchimento dos sujeitos pronominais (II).

Ao se compararem os resultados totais correspondentes às formas de sujeitos pronominais preenchidos e as de sujeitos não preenchidos, é possível afirmar que as peças localizadas nos extremos da tabela — *Quebranto* (COELHO NETO, 1908), *O simpático Jeremias* (TOJEIRO, 1918) e *Clube do leque* (BAIÃO, 1995), que apresentam índices de 84%, 70% e 75% de não preenchimento do sujeito, respectivamente, apresentam um comportamento bastante distinto das peças *O hóspede do quarto nº 2* (GONZAGA, 1937), *Dona Xepa* (BLOCH, 1952), *Tôda donzela tem um pai que é uma fera* (GILL, 1962) e *Intensa Magia* (AMARAL, 1995), em que este índice se mantém sempre igual ou abaixo dos 45% — 31%, 45%, 35% e 43%, respectivamente. Em outras palavras, é bastante evidente a sensível mudança de comportamento com relação ao preenchimento do sujeito entre as peças anteriores à década de 20 e as obras que se encontram após a década de 30, com exceção da peça *Clube do leque* (BAIÃO, 1995). Nesse caso, parece ser inquestionável a relação entre aumento nos índices de preenchimento do sujeito e a ampliação da utilização da forma *você*, como mostra o gráfico a seguir.



**Gráfico 2:** A relação entre o uso de *você* e o preenchimento dos sujeitos pronominais.

A clara relação entre o uso do item *você* como sujeito pleno ou nulo e o índice total de preenchimento das formas nesta função é bastante evidente, uma vez que a elevação na frequência de uso dessa forma entre as peças de 1908 e 1937 é seguida pelo aumento na utilização dos sujeitos plenos no *corpus*; posteriormente, a oscilação nos índices de uso de *você* entre as obras *Dona Xepa* (BLOCH, 1952) e *Intensa magia* (AMARAL, 1995)— 83%, 90%, 83% e 89% — também é experienciada pelos percentuais de sujeito pleno na amostra — 55%, 45%, 46% e 57%; por fim, nota-se uma diferença em relação ao uso de *você* entre as peças *Intensa magia* (AMARAL, 1995) e *Clube do leque* (BAIÃO, 1995) que, apesar de serem datadas do mesmo ano, se distinguem em relação ao uso de *você* e ao preenchimento do sujeito, pois, na primeira, o índice de *você* é alto (89%) assim como o de sujeitos plenos (57%) e, na segunda, o índice de *você* é menor que na primeira (55%) bem como o de sujeitos preenchidos (25%).

De um modo geral, os resultados obtidos entre os sujeitos pronominais, preenchidos ou não, referendam as considerações de Duarte (1993) de que o PB do final do século XIX e início do século XX seguiria o padrão *pro-drop* e de que, por volta da década de 30, teria deixado de ser uma língua predominantemente de sujeito nulo e se transformado em uma língua que favorece o aparecimento de sujeitos preenchidos. Segundo a autora, o enfraquecimento do paradigma flexional/pronominal do PB teria determinado a perda de sua uniformidade funcional, ou

seja, tornou-se impossível identificar a perfeita correspondência entre os valores semânticos expressos pelos pronomes e as desinências verbais que os acompanham.

Para o enfraquecimento do paradigma flexional/ pronominal, teria contribuído decisivamente a inserção da forma *você/vocês* em substituição aos pronomes *tu e vós* — este último tomado como traço arcaizante já no século XVIII (cf. FARACO, 1996) — bem como consolidação da forma *a gente* como estratégia concorrente a *nós* na designação da 1ª pessoa do plural. Por consequência desses acréscimos no quadro pronominal, o PB teria experimentado, em contrapartida, a redução do paradigma das desinências verbais em uso, que passaria, então, a ser composto no singular e no plural somente pela 1ª e 3ª pessoas, visto que a forma *você(s)* e *a gente*, apesar de se associarem às noções de *com quem se fala e quem fala*, respectivamente, combinam-se a verbos de 3ª pessoa, preservando, assim, uma característica de sua origem nominal. Usando outros termos, é possível perceber que as formas *você(s)* e *a gente*, ao conservarem a marca verbal de 3ª pessoa de seu emprego original como nome, mesmo após se inserirem no paradigma pronominal se relacionando a pessoas do discurso distintas da terceira, tornaram-se responsáveis por indicar em seu interior a semântica da pessoa, pois a correspondência entre pessoa gramatical e semântica se perdeu nas formas verbais. É interessante salientar ainda que Lopes (1999 apud RUMEU, 2004), ao investigar a trajetória de *a gente*, afirma que tal fato se trata de uma mudança linguística encaixada, pois essas formas perderam sua semântica inicial de nome devido a transformações de ordem histórico-social, mas mantiveram a marca formal de sua origem.

Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós*, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de cima para baixo, se dissemina pela comunidade como um todo, e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se — algumas de forma mais acelerada que outras, como é *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você*. Pelo fato de que as formas nominais levarem o verbo para a terceira pessoa do singular, houve a redução do nosso paradigma flexional, que perdeu, como já apontou Duarte (1995), ‘a propriedade de licenciar e identificar sujeitos nulos’. (LOPES, 1999 apud RUMEU, 2004, p. 130)

## Conclusão

A partir das discussões desenvolvidas ao longo deste estudo e com base na análise dos resultados obtidos na distribuição das estratégias de referência à segunda

peessoa nas oito peças teatrais escritas no Rio de Janeiro do século XX, que compuseram a amostra sob investigação, identificaram-se alterações substanciais no comportamento das formas pronominais no singular ao longo do século. Tal fato se deve fundamentalmente às mudanças experienciadas, principalmente pela forma *você* durante o período em questão. Em suma, é possível afirmar o emprego da forma *você* experiencia, ao longo do século XX, três momentos distintos: (i) no primeiro quarto do século, sua variação com o legítimo pronome de 2ª pessoa *tu*; (ii) a partir da década de 30, seu alçamento à principal estratégia de referência ao interlocutor e a consequente neutralização formal entre 2ª e 3ª pessoas, em favor da última, acarretando a indicação da noção de pessoa exclusivamente pelo pronome e não mais pela forma verbal; (iii) no final do século, sua coocorrência com o pronome “tu” agora em seu uso *não padrão*, não se relacionando mais a formas verbais de 2ª pessoa, que ficaram praticamente restritas, ao longo do período sob análise, ao emprego no modo imperativo.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *The implementation of você in the pronominal list of Brazilian Portuguese*. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-47. 2008.

**ABSTRACT:** *This work analyses the implementation of “você” in the pronominal list of Brazilian Portuguese and its consolidation as the main reference strategy of second person through the twentieth century. In order of that, this work observes the usage of different address strategies towards the interlocutor in eight fluminense plays of this period in the light of the theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960) and the theories that discuss the grammaticalization phenomenon (LEHMAN, 1985, HOPPER, 1991, BYBEE, 2003 AND HEINE, 2003).*

**KEYWORDS:** *Pronouns. Grammaticalization. Courtesy.*

## Referências

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1980.

AMARAL, M. A. de. **Intensa Magia**. Rio de Janeiro: SBAT, 1995. Mímeo. p. 45.

ARAÚJO, A. **Comunhão de bens**. Rio de Janeiro: SBAT, 1980. Mímeo. p.78

BAIÃO, Í. **Clube do leque**. In: TABORDA, Ana Maria (Org.). **Teatro (in)completo de Ísis Baião**. V. 1. Rio de Janeiro: Pedrazul, 2003. p. 15-64.

BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 37. ed. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Revisão Prof<sup>o</sup> Isaac Nicolau Salum. 2.ed. Campinas: Pontes, 1988.

BLOCH, P. **Dona Xepa**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional De Teatro (Coleção Dramaturgia Brasileira), 1973[1952].

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: T. Sebeok (Ed.). **Style in language**. Cambridge-Mass: MIT Press, 2003[1960]. p. 255-276.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Eds.). **A handbook of historical linguistics**: Blackweel, 2003.

COELHO NETTO, H. M. Quebranto. In: **Revista de Teatro da SBAT**. Rio de Janeiro, n. 295, 1957[1908].

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. da. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS; KATO (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. In: **Fragmenta 13, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

GILL, G. **Tôda donzela tem um pai que é uma fera**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

GONZAGA, A. **O hóspede do quarto número 2**. 1937. Mímeo

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Eds.). **A handbook of historical linguistics**. [S.l.]: Blackwell, 2003.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. V. I, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 17-35.

LEHMANN, C. Gramaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. **Lingua e Stile**. a. XX, n. 3, p. 303-318, 1985.

LOPES, C. R. dos S. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. R. dos S. (Orgs.). **Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica**. Frankfurt: Vervuert/Bibliotheca Ibero-Americana, v. 107, 2006.

\_\_\_\_\_; COUTO, L. R.; DUARTE, M. E. L. Como as pessoas se tratam no cinema latino-americano: análise de formas de tratamento em roteiros de três países. **Memórias – XIV Congresso Internacional da ALFAL**. Monterrey: ALFAL. v.1, 2005.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M. E. L. De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a pronominalização de nominais nos séculos XVIII e XIX. **Comunicação apresentada no XVII Encontro Nacional da ANPOLL**. Gramado: UFRS, 2002.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M. E. L. De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a análise pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.). **Análise contrastiva de variedades do português**. Primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

\_\_\_\_\_; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). **Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX**. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005. p. 45-66.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 6.ed. Porto Alegre / Rio de Janeiro: Globo, 1985.

MENON, O. P.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação e mudança no Português falado da região sul**. Pelotas: Educat, 2003.

PAGOTTO, E.G. Norma e condescendência: ciência e pureza. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos 2**. São Paulo: Pontes, 1998. p. 49-68.

PAREDES SILVA, V. L. **O percurso da variação na referência à segunda pessoa no português carioca**. Relatório final de pesquisa apresentado ao CNPq. Rio de Janeiro, UFRJ, Mimeo. 35 p., 1999.

\_\_\_\_\_. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro** – contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7letras/FAPERJ, v. 1, 2003. p. 160-179.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RUMEU, M. C. de B. **Para uma história do português no Brasil**: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

SALLES, M. **Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro**: um estudo de pragmática histórica. 2001. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, São Paulo, 2001.

TOJEIRO, G. O simpático Jeremias. In: **Revista de Teatro da SBAT**. Rio de Janeiro, n. 350, 1966[1918].

VITRAL, L. A forma cê e a noção de gramaticalização. In: **Revista de estudos da linguagem** 4(1), p. 115-124, 1996.

## **Bibliografia consultada**

BRIAN, J.; RICHARD, J. (Eds.). **A handbook of historical linguistics**. [S.l.]: Blackwell, 2003.

CINTRA, L. F. L. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. (Coleção Horizonte).

MENON, O. P. da S. Variação e mudança: o papel dos condicionamentos linguísticos. In: **Fragmenta 13, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

